



notícias

Informativo do Instituto Florestal - ANO 3 Nº 10 Outubro / Novembro / Dezembro 2011

Acervo IF. Reprodução de obra em aquarela de A. Norffini (1929)



INSTITUTO FLORESTAL 125 ANOS

Antigo engenho da Pedra Branca, origem do "Horto Botânico". Local onde atualmente fica o Palácio de Verão do Governo, no Parque Estadual Alberto Löfgren

Foto: Acervo IF



Evento comemorativo do Centenário, em 1986. O orador é o então Secretário da Agricultura de políticas, como o Proálcool, os Incentivos Fiscais para Reflorestamento e o Desmatamento, demonstrando a necessidade de Estudos de Impactos Ambientais para estes empreendimentos.

Nesses 125 anos, o Instituto Florestal desempenhou papel fundamental. Com relação à educação ambiental, foi pioneiro desde a época da Seção de Botânica da "Comissão Geographica e Geologica da Província de São Paulo" – CGG, nos alertas de Löfgren contra os desmatamentos e o desperdício de recursos naturais que verificava nas suas andanças pelo interior e na campanha para criação da Festa da Árvore. Mas essa atividade não parou por aí: o Museu da Madeira, inaugurado em 1931, atraiu inúmeras escolas, principalmente por suas sessões de cinema. A partir da década de 1970 o Parque Estadual Alberto Löfgren e muitas dependências do interior tornaram-se laboratórios vivos para alunos, estagiários e pesquisadores, desenvolverem atividades educativas. Hoje, contamos com doutores e mestres dedicados à pesquisa em educação ambiental e ao lazer, além de pessoal treinado para atuar nesta área. Esses pesquisadores contribuíram, também, na formação de professores da rede da Secretaria da Educação ■

Parece que foi ontem. Há vinte e cinco anos comemorávamos o centenário do Instituto Florestal em sessão solene presidida pelo secretário da Agricultura, Gilberto Dupas, um intelectual que imprimiu àquela Secretaria dinâmica diferenciada e contemporânea. Depois, voltou para a Faculdade de Economia e Administração da USP. Os levantamentos que contratou com a Terrafoto possibilitaram nossa avaliação

Nesta Edição



Revista do IF é reformulada



Escola de Xilografia do Horto



continua na p. 3

CONSTRUINDO A HISTÓRIA

Foto: Leni Meire Lima



O Instituto Florestal celebra 125 anos de existência em um momento em que meio ambiente é tema obrigatório nas agendas contemporâneas. Nesta edição comemorativa do informativo, a instituição busca resgatar, através de sua história, a visão de futuro de seus fundadores, entre outros pioneiros que por aqui passaram, e adequar-se às atuais tendências e tecnologias para consolidar-se, cada vez mais, como referência nas áreas que atua. O informativo traz ainda o artigo do pesquisador Francisco Kronka, que confronta os vieses conservacionista, social e econômico da questão das florestas de produção de eucalipto. Vale destacar também a matéria sobre a Escola de Xilografia do Horto, que mostra que é possível aliar pesquisa científica a arte, cultura e educação, e a reportagem sobre a reestruturação do processo de produção da Revista do IF, com o objetivo de ampliar a disseminação do conhecimento produzido na instituição ■

Rodrigo Antonio Braga Moraes Victor
Diretor Geral do Instituto Florestal

Aconteceu

1903 – Löfgren publica no “O Estado de São Paulo” o artigo “Serviço Florestal de Particulares”, que teve como consequência quase imediata a criação do Serviço Florestal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

1897 – Início de implantação do Horto Botânico com serviço florestal, com a finalidade de estudar essências florestais e execução das primeiras sementeiras nacionais e importadas.

1896 – Desapropriação do antigo “Engenho Pedra Branca” para instalação de um Horto Botânico de São Paulo, com campos de experimentação e prestação de serviço na área florestal.

1893 – O Jardim da Luz passa a administração municipal, como Jardim Público e a Seção de Botânica fica sem área para a experimentação.

1889 – Por projeto de Löfgren, o Governo transforma o Jardim da Luz em Jardim Botânico, onde deveriam ser cultivados e criados os produtos da fauna e da flora da Província.

1907 – A Seção de Botânica passa a denominar-se Horto Florestal como uma instituição não mais subordinada à “Comissão Geographica e Geologica” e sim à Secretaria da Agricultura.

1934 – No decreto de criação da Universidade de São Paulo, o Serviço Florestal passa a constar como um de seus Institutos Complementares, para ampliação do ensino e ação da universidade.

1970 – O Serviço Florestal é reformulado e passa a denominar-se Instituto Florestal.

1987 – O Instituto Florestal deixa a Secretaria da Agricultura e Abastecimento para compor a Secretaria do Meio Ambiente.

1986 – Criação da Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo, sob proposta do Instituto Florestal.

2007 – O Instituto Florestal passa a fazer parte do Sistema Estadual de Florestas – SIEFLOR, juntamente com a Fundação Florestal.

INSTITUTO FLORESTAL
1886-2011
Mais de um século de história

1886 – Criação da “Comissão Geographica e Geologica da Província de São Paulo”, com o objetivo de planejar e executar pesquisas em diferentes áreas, sendo convidado o naturalista sueco Alberto Löfgren para chefiar as Seções de Meteorologia e Botânica, esta que foi o nascedouro do Instituto Florestal.

Expediente

IF NOTÍCIAS é uma publicação trimestral do Instituto Florestal. A reprodução das informações é permitida desde que citada a fonte.

SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS: Diretora Priscila Weingartner. **EDITORA-RESPONSÁVEL:** Leni Meire P. R. Lima **EQUIPE EDITORIAL:** Isabel Nunes, João Régis Guillaumon, Paulo Andreetto de Muzio e Yara C. Marcondes. **JORNALISTA:** Dimas Marques (MTb 26011/SP). **PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:** Leni Meire P. R. Lima e Dafne Hristou T. dos Santos. **COLABORAÇÃO:** Caroline Paz, Francisco C. Sérgio, Francisco J.N. Kronka, Frederico Alexandre R. P. Arzolla, Gláucia C. R. de Paula, José Senhorinho, Mário de A. Fagundes, Ricardo Gaeta Montagna, Roselaine B. Machado. **CTP, IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** Imprensa Oficial do Estado.

TIRAGEM: 2.000 exemplares. Distribuição gratuita.

CONTATO: Rua do Horto, 931 CEP 02377-000 São Paulo SP
Fone (11) 2231-8555 ifnoticias@if.sp.gov.br www.iflorestal.sp.gov.br





Vista aérea da sede atual do IF. São Paulo-SP

INSTITUTO FLORESTAL 125 ANOS

continuação da matéria da capa

Quando a “Comissão Geographica e Geologica” foi criada, em 1886, os políticos da época não imaginavam os desdobramentos que esta ação teria no futuro. A intenção inicial era, basicamente, subsidiar o avanço da cafeicultura na busca por regiões mais propícias para essa cultura, pois eram os cafeicultores que comandavam a política no Estado, considerando-se a importância do café na economia brasileira. Foi graças à visão de Orville Derby, nomeado presidente da CGG, que essa comissão teve tão grande abrangência. Ao invés de estudar apenas as terras de matas, que potencialmente seriam as mais propícias para o cultivo do café, Löfgren começou seus levantamentos pelas regiões campestres, demonstrando as diferenças destas formações, de acordo com as regiões em que ocorriam, e foi ele que ofereceu sugestões para a policultura na crise do café na virada para o século XX, utilizando os potenciais das gramíneas nativas para as pastagens e das plantas para produção de perfumes ou de borracha, entre outros.

Depois vieram as campanhas para a criação dos Parques e para o reflorestamento, o que motivou a criação do Serviço Florestal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro; as ferrovias eram grandes responsáveis pelo desmatamento porque utilizavam quantidades imensas de lenha para alimentar suas caldeiras. O *Eucalyptus* e o *Pinus* já estavam introduzidos desde 1906, antes, portanto, da criação do Serviço Florestal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A partir daí, as pesquisas evoluíram com relação a melhores espaçamentos, adubação, procedências e manejos. Nesta área se destacaram o Dr. Octávio do Amaral Gurgel e o Dr. Alceu de Arruda Veiga, cujos trabalhos atingiram o âmbito internacional. O Serviço Florestal, no decorrer das décadas de 1950 e 1960, dentro de um plano de governo, expandiu suas áreas com florestas de produção de *Pinus* (30.000 ha). Hoje, as pesquisas com reflorestamento com exóticas exploram os recursos genéticos, como forma de aumentar a produtividade por área e melhorar a qualidade da madeira.

No Estado de São Paulo, a política dos incentivos fiscais, que era executada essencialmente pela iniciativa privada, se

disseminou a partir das Florestas e Estações Experimentais do IF, distribuídas por todo o Estado, que forneciam mudas e disponibilizavam as tecnologias já desenvolvidas.

As pesquisas com espécies nativas, que tiveram certo declínio quando o Horto Botânico e Florestal foi transformado em Serviço Florestal, voltaram a ser incentivadas a partir dos anos 1980. Em 1982, o IF organizou o Congresso Nacional sobre Essências Nativas, que revigorou a pesquisa com estas espécies, não somente em São Paulo, mas também em outros estados.

Na década de 1990, a Instituição deu destaque para a questão da Biodiversidade, tendo se antecipado à Rio 92 ao tratar do tema no II Congresso Nacional sobre Essências Nativas, evento que organizou na sua sede, em São Paulo, com grande repercussão nacional e internacional.

Hoje, as funções das florestas como protetoras de água e solo também ganharam destaque e, além das aplicações no Estado, a instituição contribui com países em desenvolvimento neste setor.

A partir da criação do Parque Estadual da Serra do Mar, a instituição vem ampliando cada vez mais o leque de profissionais, que antes da década de 1970 se restringia a engenheiros agrônomos e biólogos.

A rede de Unidades de Conservação, constituída e gerenciada pelo IF por mais de um século, está gradativamente sendo passada à gestão da Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo, instituição que ajudou a criar na década de 1980, embora os recursos humanos para este gerenciamento sejam ainda, em grande parte, do Instituto Florestal. Os Planos de Manejo, mesmo das áreas que já estavam sob a gestão da Fundação Florestal, foram desenvolvidos com alguma assessoria externa, mas na maior parte foram elaborados com ciência desenvolvida pelos pesquisadores do Instituto Florestal, já que a instituição vem retomando a interdisciplinaridade que havia inspirado a CGG. A rede de Unidades de Conservação do Estado de São Paulo tornou-se paradigma para todo o país e o Instituto Florestal sempre tomou a dianteira, mesmo em relação à esfera federal. Isso aconteceu, inclusive com a elaboração dos Planos de Manejo, para cujas iniciativas, convidou técnicos do governo federal e de outros estados. Até a criação do primeiro Parque Nacional foi mérito de nosso primeiro diretor, o naturalista Alberto Löfgren, quando deixou a instituição e foi trabalhar no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

O projeto de casas de madeira, com aproveitamento de materiais de pequenas dimensões possibilitou a construção das bases de apoio da Polícia Ambiental, viabilizando o aperfeiçoamento do controle da caça e do desmatamento, especialmente na região litorânea e no Vale do Ribeira, onde se localiza a maior porcentagem de áreas protegidas do Estado ■

por Isabel Nunes - Divisão de Florestas e Estações Experimentais

Os grandes vultos do IF foram retratados habilmente em crayon e distribuídos pelas escadarias do prédio central, onde são homenageados. Todas as vezes que se percorrem essas escadas, seus olhares acompanham quem por ali passa, causando arrepios. Uns já faleceram há tempos e outros continuam assombrando do lado de cá.

Com mais de cem anos, o IF tem muita história. E histórias sobre seus vultos são narradas diariamente. Como não poderia ficar de fora, também tenho a minha experiência: fora numa noite de sexta-feira, não tenho certeza se... treze. Após o expediente, continuava no escritório para concluir os trabalhos cujo prazo expiraria às 20h, portanto, faltava pouco. Naquele silêncio, o som do computador, que durante o dia é imperceptível, agora era ruidoso e alto. Uma divisória de madeira e vidro canelado separava a grande sala ao lado. Com seus estalos, de vez em quando um calafrio percorria o corpo e lembranças de histórias fantasmagóricas contadas por colegas de trabalho surgiam na mente. Melhor deixar prá lá.



Ilustração: Paulo Muzio

Tinha que terminar o serviço. De súbito, um estrondo!

Inerte, fiquei com os dedos estáticos no teclado; apurando os ouvidos, só ouvia as disparadas batidas do coração. O medo era tanto que não arriscava um rabo de olho. Em seguida, novo estrondo fez estremecer as carnes. Desta vez, olhei para o vidro imaginando que fosse o vigia. Perguntei com a voz engasgada:

— Olá! Tem alguém aí? Por favor, não brinque comigo, eu tenho medo!

Diante do silêncio, tentei esquecer e retornar ao trabalho, mas a concentração agora estava falha. Novo estrondo! Olhei para o vidro rapidamente e aterrorizada, vi um vulto cruzar a sala ao lado e parar.

— QQQuem está aí?

Nada. Com o coração na boca, sem tirar os olhos do vulto, levantei devagar, dirigindo-me à porta. Parei, segurando a maçaneta. Um, dois, três... abri a porta num arranque. Sumiu o vulto... em seu lugar uma cadeira girava sobre si mesma em incrível velocidade. O segundo seguinte foi o bastante para puxar a tomada do computador, agarrar a bolsa e voar para a porta, onde a chave balançava por dentro! Quem poderia ser?

Os do lado de lá ou os do lado de cá?

Entrevista

NOME | Mário de A. Fagundes
FORMAÇÃO | Engenheiro Agrônomo

Conhecido por ser muito acessível e cordato. Sempre disposto a procurar o melhor para o IF, foi diretor da instituição entre 1975 e 1976.



Nasceu em Avaré, SP em 1924. Formou-se, em 1947, pela ESALQ-USP e ingressou no IF em 1959. Hoje, aos 87 anos, concedeu esta entrevista para a edição especial comemorativa dos 125 anos do IF.

IF Como foi o seu ingresso no IF?

Entrei para o IF à convite do então Diretor Geral, Dr. Ismar Ramos. A data me falha na memória.

IF Quais os países que o Sr. teve a oportunidade de conhecer e quais as experiências trazidas ao IF? Estive na Alemanha, com um grupo de sul-americanos, para um estágio com troca de informações entre nosso sistema de trabalho e o deles.

“A minha meta sempre foi desonerar pesquisadores de trabalhos burocráticos.”

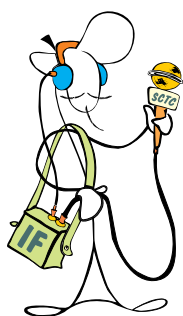
Foram 30 dias, mas pouco ajudou. Eles usavam maquinaria pesada, coisa que o Brasil não tinha condições de implantar.

IF Conte um pouco sobre as reformas que a instituição sofreu ao longo de sua trajetória? E a carreira de pesquisador científico? No meu tempo, considero mais importante a criação da Fundação Florestal, uma iniciativa minha. A meta sempre foi desonerar pesquisadores de trabalhos burocráticos. Após estudos da diretoria administrativa, que determinei, a Fundação seria a mais eficiente. Assim, foi feito para dar suporte às atividades inerentes ao IF.

IF Como aconteceu a evolução patrimonial do IF e as florestas plantadas?

Enquanto fui Diretor da DFEE, meu empenho foi aumentar significativamente os plantios de *Pinus*, com a finalidade de um campo maior para instalação de pesquisas.

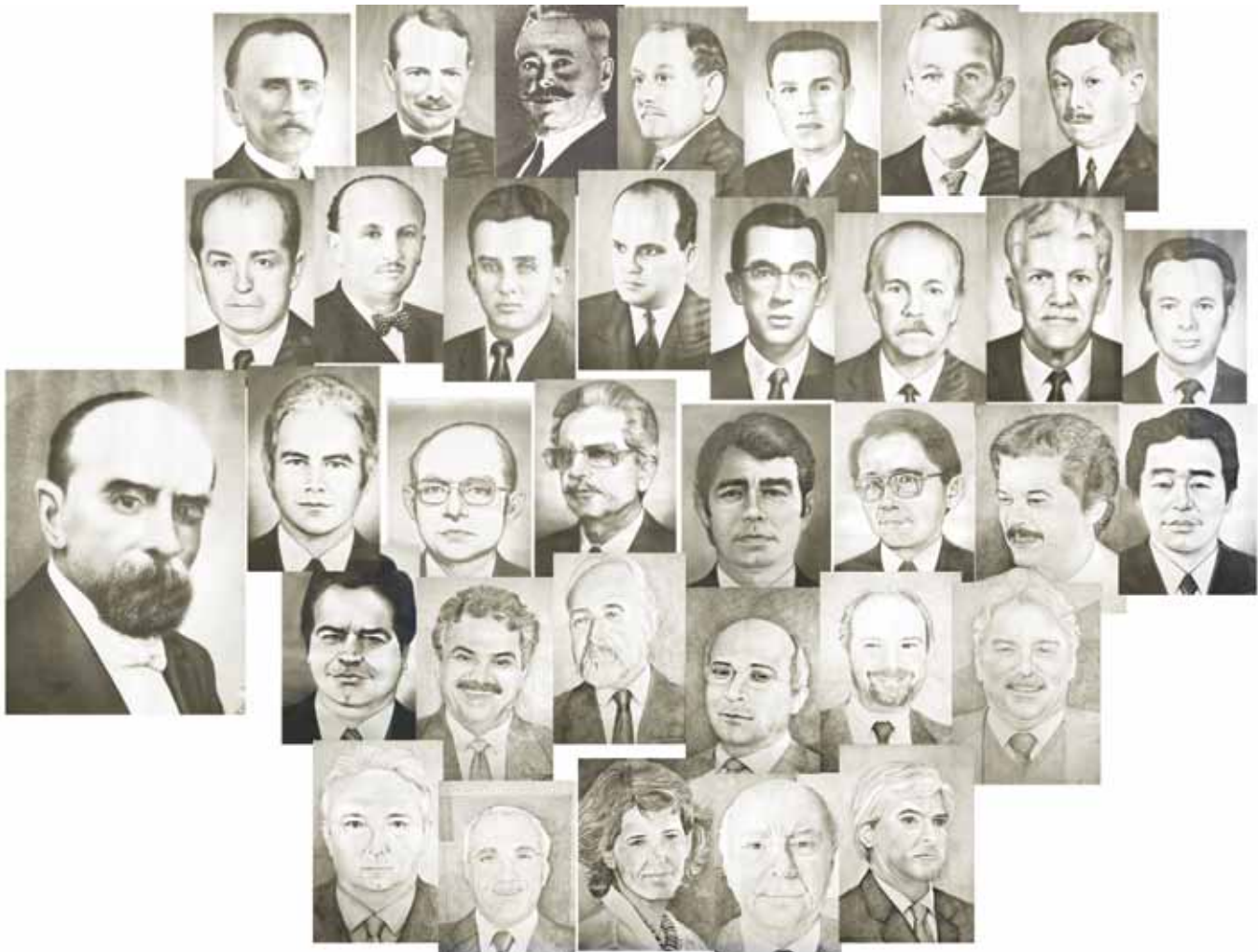
IF Diga algo sobre a introdução do *Pinus* no Estado de São Paulo. A introdução de *Pinus* em São Paulo foi anterior ao meu tempo. Aliás, um grande feito pelo valor significativo para a economia geral, sendo referência para os incentivos fiscais ■



OS EX-DIRETORES QUE PARTICIPARAM DA HISTÓRIA DO IF

125 Anos do IF

Ilustrações da galeria de fotos dos ex-diretores, adaptadas por Caroline Paz



Ex-diretores do IF. No destaque Alberto Löfgren

A instituição já teve 35 diretores, incluindo o atual, desde sua criação como Seção de Botânica da “Comissão Geographica e Geologica”, passando por suas diversas denominações como Horto Botânico, Horto Botânico e Florestal, Serviço Florestal e Instituto Florestal ■

Alberto Löfgren (1896 – 1909)
Gustavo Edwall (1909 – 1911)
Edmundo Navarro de Andrade (1911 - 1916)
José Bassotti (1916 - 1918)
Adalberto Queiroz Telles (1918 - 1922)
Cyro de Godoy (1922 - 1923)
Cornélio Schimidt (1923 - 1928)
Octávio Vecchi (1928 - 1932)
José Camargo Cabral (1932 - 1945)
Armando de Araújo Jordão (1945 - 1946)
Octavio Augusto Teixeira Mendes (1946/1948 – 1958/1959)
João Gonçalves Carneiro (1948 - 1954)
Ismar Ramos (1954/1958 – 1959/1961)
Roberto de Mello Alvarenga (1961 - 1968)
Arthur Ferreira Cintra (1968 - 1969)
Armando Ventura (1969 - 1972)
Mauro Antonio Moraes Victor (1972 - 1975)

Octávio do Amaral Gurgel Filho (1975)
Mario de Almeida Fagundes (1975 - 1976)
Francisco José de Nascimento Kronka (1976/1981-2009)
Guenji Yamazoe (1981-1983)
João Régis Guillaumon (1983 - 1987)
Hélio Yoshiaki Ogawa (1987 - 1991)
Francisco Corrêa Serio (1991)
José Luiz Timoni (1991 – 1995)
Clayton Ferreira Lino (1995 - 1996)
Marcos Pereira Marinho Aidar (1996)
Oswaldo Poffo Ferreira (1996 - 1999)
Luiz Mauro Barbosa (1999 - 2000)
Luiz Alberto Bucci (2000 - 2002)
Valdir de Cicco (2002 - 2003)
Maria Cecília Wey de Brito (2003 - 2006)
João Batista Baitello (2006 - 2007)
Cláudio Henrique Barbosa Monteiro (2007 - 2009)

EUCALIPTO NO BRASIL: CULTURA DE PONTA QUE DEVE DIVERSIFICAR O USO



Foto: Acervo IF

por Francisco J. N. Kronka
Eng. Agrônomo, Pesquisador Científico do
Instituto Florestal

Durante seu período imperial, a China foi a nação mais avançada no mundo em decorrência de suas realizações tecnológicas. São extraordinárias as conquistas que mudaram nossa história, destacando-se a pólvora, o papel, a bússola e o ábaco. Também, conforme destaca O. Shenkar em sua obra “O século da China” (2005), os chineses “foram pioneiros no desenvolvimento da impressão, da fundição do ferro, os primeiros a utilizar papel moeda, como também os primeiros a lançar fogos de artifício e a soltar papagaios”. Os chineses também foram os precursores da extração do caldo de cana com a utilização de moendas.

Não obstante, a China não conseguiu dar continuidade e sustentação às conquistas tecnológicas do período imperial e disseminar os novos conhecimentos dando-lhes aplicações, principalmente de caráter econômico.

Observadas as circunstâncias e a “tábua” do tempo, o Brasil obteve, a partir do início do século XX, sensacionais conquistas com a introdução de espécies de eucalipto. O país fez avanços de ordem tecnológica de tal magnitude, que nenhuma nação do planeta consegue competir com o Brasil em relação ao eucalipto, a espécie mais difundida mundialmente.

Tais conquistas foram devidas ao envolvimento e empenho de instituições de pesquisas, de universidades e das próprias empresas setoriais, atuando conjuntamente na aplicação da ciência no desenvolvimento de tecnologia em todos os setores da cultura do eucalipto. Nossas florestas de eucalipto são formadas a partir de uma elite de árvores superiores com crescimento extremamente rápido e que permitiram, nas últimas cinco décadas, aumento da produtividade seis vezes superior àquela constatada no início da introdução das primeiras espécies.

Atualmente, tais florestas são conduzidas levando-se em consideração benefícios de ordem social e ambiental, não somente se baseando em simples contabilidade, que procura unicamente valorizar a madeira cortada. Seu manejo utiliza práticas e técnicas que buscam equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a perpetuidade dos serviços ambientais prestados à sociedade pelos ecossistemas.

Deve ser analisada, ou questionada, não somente a quantidade de água consumida pelo eucalipto, ou de outra cultura (soja, cana-de-açúcar, citrus, por exemplo), mas sim como é executado seu manejo, como é usada a água disponível dentro da microbacia. Longe dos primitivos delineamentos que estabeleciam plantios na forma de um “quadriculado”, com os atuais indicadores da qualidade das operações florestais, agregados às informações fornecidas pelo monitoramento, atualmente a “malha” das florestas de eucaliptos incorpora fragmentos de vegetação natural remanescente, cuja conectividade tem tido importante papel na conservação da biodiversidade.

Embora a madeira seja quase tão importante para a humanidade quanto os alimentos, sua exploração nas florestas nativas tem causado danos, muitas vezes irreparáveis. Essas matas, de crescimento muito lento, não têm condições de suprir uma demanda cada vez maior, sendo muito difícil imaginar um rendimento sustentável de florestas nativas com crescimento inferior a um metro cúbico por ano. O eucalipto pode crescer 50 vezes mais. Para reduzir a pressão sobre as florestas nativas, uma alternativa seria um amplo plantio de florestas altamente produtivas e de rápido crescimento visando seu uso múltiplo, com produtos de maior valor agregado destinados principalmente para as serrarias e também, seus resíduos, para a geração de energia, painéis, celulose e papel.

Voltando ao foco inicial sobre os avanços tecnológicos da China no seu período imperial, não podemos perder a oportunidade de dar maior sustentação econômica às conquistas alcançadas pelo Brasil com o eucalipto, ampliando seus usos, conquistando novos mercados e, sobretudo, possibilitando ao pequeno e médio proprietário condições de se integrar ao processo produtivo ■

1939: NASCE A ESCOLA DE XILOGRAFIA DO HORTO

A Escola de Xilografia do Horto Florestal nasceu em 1939, a partir de uma iniciativa do diretor do então Serviço Florestal (atual Instituto Florestal), José Camargo Cabral, dentro de uma visão que buscava criar programas de ação cultural que pudessem tanto ter alcance social quanto contribuir com a produção científica da instituição. Como resultado das pesquisas desenvolvidas, passou a ser utilizado na confecção de clichês e carimbos o guatambu, madeira nacional, em substituição ao tradicional buxo, empregado no exterior. Em 1940, Adolph Kohler, um respeitado xilógrafo de Berlim que emigrara para o Brasil em 1927, foi contratado para o posto de professor de xilografia. Foram recrutados alunos dentre os funcionários da instituição que tivessem alguma aptidão para o desenho. Alguns moradores locais também se ofereceram como alunos, buscando a profissionalização. A escola de xilografia funcionou até o falecimento do professor Kohler, em 1950.

A escola formou alguns gravadores como José Cruz, Waldemar Moll, que trabalhou na

profissão para a revista “Chácaras e Quintais” e Itajahy Martins, sendo este último o único que seguiu uma carreira artística. Também foi aluno da escola, o funcionário aposentado da instituição Luiz

Fernandes. Adolph Kohler influenciou ainda a gravura de Lívio Ábramo. No ano de 2010, as artistas Maria Pinto e Maura de Andrade elaboraram um projeto de resgate da memória da escola que foi premiado pelo Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo e culminou na organização de um catálogo de estampas das 417 matrizes do acervo, algumas jamais tendo sido impressas antes. Nesse processo, foram convidados outros 13 artistas contemporâneos para produzirem releituras das obras, resultando na exposição “Diálogos: um olhar sobre a Escola do Horto”, que ocorreu entre julho a agosto de 2011 no Museu Florestal Octávio Vecchi ■

Cultural, Educativo e Social



Foto: Acervo do IF

Adolph Kohler em sua oficina na sede do IF

MUSEU FLORESTAL: RESULTADO DA VISÃO DE FUTURO DO IF

Em uma época de relativa abundância de madeiras raras, e que significativa parte da população via os recursos naturais como inesgotáveis, Octávio Vecchi percebeu que o desenvolvimento do Estado de São Paulo prejudicaria nossas florestas, causando um desmatamento descontrolado, gerando problemas de extinção de animais e espécies importantes para a manutenção dos ecossistemas e o equilíbrio do meio ambiente. Em 1928, ao ser nomeado diretor do então Serviço Florestal, deu início à construção do Museu Florestal, que teve sua inauguração em 1931.

Com o objetivo de expor as características de nossas florestas em forma de arte, idealizou-se um espaço que, desde sua construção, traria nos detalhes arquitetônicos aspectos relativos a este tema, a exemplo dos vitrais, que foram compostos realçando a beleza e a diversidade das espécies nativas.

O Museu Florestal Octávio Vecchi, que recebeu esta denominação em 1948, tem uma posição pioneira no contexto de arte

relacionada ao meio ambiente. O acervo permanente enfoca o uso da madeira dentro da missão de conservação ambiental, uma das bases do trabalho do IF. Trata-se de um museu especializado que abriga uma exposição de madeiras em forma de mobília, estantes, peças com entalhes das folhas e dos frutos das espécies a que pertencem, lustres artisticamente trabalhados e outras peças, destacando-se os forros e os assoalhos. São realizadas, ainda, exposições temporárias de artistas consagrados e novos talentos, abertas ao público em geral, além de palestras e oficinas, principalmente voltadas à temática ambiental, desempenhando importante papel para o ensino complementar das escolas que frequentam o museu ■

Nossos Laboratórios



Foto: Tino Moreno

Hall de entrada do Museu Florestal. Pintura de 1930 realizada por Antônio Paim

REVISTA DO IF: MEIO SÉCULO DISSEMINANDO CONHECIMENTO

A Revista do Instituto Florestal surgiu em 1989, resultado da fusão das publicações *Silvicultura* em São Paulo, de 1962, e *Boletim Técnico IF*, de 1972. Publica trabalhos inéditos em Ciências Florestais e afins, na forma de artigos científicos, notas científicas e artigos de revisão, redigidos em português, inglês ou espanhol.

Nos últimos anos, a Revista vem sendo reformulada. A Comissão Editorial foi ampliada e criou-se o Conselho Editorial. Além de pesquisadores e técnicos do Instituto Florestal, atualmente há 22 pesquisadores de outras instituições, distribuídos nas diferentes áreas temáticas de abrangência da Revista: conservação da fauna, ecologia vegetal, genética e melhoramento florestal, hidrologia, planejamento e gestão ambiental, silvicultura, taxonomia vegetal e tecnologia de produtos florestais.

Novas ações de comunicação foram implementadas: o desenvolvimento de um moderno projeto gráfico editorial; a reformulação



Foto: Paulo Muzio

da página eletrônica da Revista na Internet, facilitando o acesso aos trabalhos publicados; a tramitação dos trabalhos por e-mail, agilizando o fluxo editorial, previamente à adoção do Sistema de Editoração Eletrônica de Revistas – SEER; e uma ampla divulgação da Revista para bibliotecas, docentes e pesquisadores de instituições de ensino e pesquisa do Brasil e de outros países, convidando-os a publicarem na Revista do Instituto Florestal.

A Revista foi indexada no Directory of Open Access Journals – DOAJ, no Latindex e nos Sumários de Revistas Brasileiras, e está em processo de adequação para indexação, a médio prazo, no SciELO.

Essa nova política editorial da instituição confere maior reconhecimento à Revista do Instituto Florestal nos meios acadêmico e científico, possibilita maior visibilidade dos trabalhos publicados e, por fim, promove uma melhor difusão do conhecimento à sociedade ■



<http://www.iflorestal.sp.gov.br>
comissaoeditorial@if.sp.gov.br

Conselho e Comissão Editorial

COMISSÃO EDITORIAL

Editor-chefe

Frederico Alexandre Rocchia Dal Pozzo Arzolla,
Instituto Florestal

Editor-assistente

Ligia de Castro Etori, *Instituto Florestal*

Editores

Alexsander Zamorano Antunes, *Instituto Florestal*
Antonio Ludovico Beraldo, *FEAGRI-UNICAMP*
Beatriz Schwantes Marimon, *UNEMAT - Nova Xavantina*
Carla Daniela Camara, *UTFPR - Medianeira*
Claudio de Moura, *Instituto Florestal*
Daniela Fessel Bertani, *Instituto Florestal*
Daysi Vilamajó Alberdi, *Instituto de Ecología y Sistemática, Cuba*
Gláucia Cortez Ramos de Paula, *Instituto Florestal*
Humberto Gallo Junior, *Instituto Florestal*
Ingrid Koch, Depto. de Biologia, *UFSCAR - Sorocaba*
Isabel Fernandes de Aguiar Mattos, *Instituto Florestal*
Israel Luiz de Lima, *Instituto Florestal*
João Aurélio Pastore, *Instituto Florestal*
João Carlos Nucci, Depto. de Geografia, *UFPR*
Leni Meire Pereira Ribeiro Lima, *Instituto Florestal*
Leonardo Alves de Andrade, *UFPA - Areia*
Maria de Jesus Robim, *Instituto Florestal*
Miguel Angel Vales García, *Instituto de Ecología y Sistemática, Cuba*
Milton Cezar Ribeiro, *IB - UNESP – Rio Claro*

Paulo Eduardo Telles dos Santos, *EMBRAPA Florestas*
Rosângela Simão Bianchini, *Instituto de Botânica*
Roseli Buzanelli Torres, *Instituto Agrônomo de Campinas*

Solange Guimarães Lima, *IGCE - UNESP – Rio Claro*

Editoração

Yara Cristina Marcondes, *Instituto Florestal*

Revisão

Carlos Eduardo Sposito, *Instituto Florestal*
Sandra Valéria Vieira Gagliardi, *Instituto Florestal*
Yara Cristina Marcondes, *Instituto Florestal*

Web

Leni Meire Pereira Ribeiro Lima, *Instituto Florestal*
Paulo Andreeto Muzio, *Instituto Florestal*

CONSELHO EDITORIAL

Alain Philippe Chautems, *Conservatoire et Jardin Botaniques de la Ville de Genève, Suíça*
Eduardo Salinas Chávez, *Universidad de La Habana, Cuba*
Fábio de Barros, *Instituto de Botânica*
George John Shepherd, *IB-UNICAMP*
Maria Margarida da Rocha Fiuza de Melo, *Instituto de Botânica*
Miguel Trefaut Urbano Rodrigues, *IB-USP*
Robin Chazdon, *The University of Connecticut, EUA*
Sueli Angelo Furlan, *FFLCH-USP*
Walter de Paula Lima, *ESALQ-USP*

